

## **DO “AMERICAN WAY OF LIFE” A INTERAÇÃO DE UM CONVÍVIO: BOA VIZINHANÇA, USO, SOLDADOS, NOVOS COSTUMES E OS CIDADÃOS FORTALEZENSES.**

REVERSON NASCIMENTO PAULA\*

Neste artigo pretendemos compreender o processo de intensificação da influência norte-americana nos costumes das classes abastadas fortalezenses no período de 1942 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. Nosso objeto ganha relevância ao problematizarmos o cotidiano através do desenvolvimento e das transformações das relações sociais e das práticas culturais existentes (DIAS, 1995). Discutiremos em um primeiro momento a aproximação entre Brasil e Estados Unidos no contexto deste conflito, passando pela participação do Brasil ao lado dos aliados, da instalação de bases norte-americanas em Fortaleza, do convívio com os soldados estadunidenses e da incorporação de costumes norte-americanos. Em um segundo momento, analisaremos como estes acontecimentos, juntamente com o “American Way of Life” e a Política de Boa Vizinhança permitiram a solidificação desta influência cultural estadunidense em Fortaleza, assim influenciando o vestuário, a alimentação, o idioma e os utensílios utilizados por esses setores de maior poder econômico. O recorte temporal se justifica, respectivamente, através do ano de instalação das bases militares norte-americanas e do fechamento das mesmas, período este que compreendemos como o apogeu de intensificação deste processo de influência estadunidense em terras alencarinhas. Através do cruzamento de fontes como os anuários, os livros de memórias e os periódicos (O Nordeste, O Povo e o Unitário), tentaremos compreender este processo levando em consideração o lugar social (CERTEAU, 1982) dos responsáveis pela produção das fontes que elegemos. Assim, nossa pesquisa se torna um campo fértil para discussões em torno de conceitos como processo civilizador (ELIAS, 2011), táticas e estratégias (CERTEAU, 1994) e tradução cultural (BURKE, 2009).

**Palavras-chave:** Segunda Guerra. Estados Unidos. Influência. Cotidiano. Fortaleza.

---

\* Mestrando em História e Culturas (MAHIS) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), vinculado à linha de pesquisa de Práticas Urbanas e bolsista CAPES. Email para contato: reverson\_nascimento@hotmail.com

No ano de 1939, durante o Estado Novo de Vargas, foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial. As nações democráticas, encabeçadas pelos Estados Unidos, se propuseram a derrotar o eixo nazi-facista, comandado por Hitler e Mussolini. Este conflito global durou, oficialmente, de 1939 a 1945, e envolveu a maioria das nações, organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

No início dos anos 40, as relações entre Brasil e Estados Unidos foram marcadas pela evolução da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos desejavam ter o Brasil como aliado político-militar e assim instalar bases militares no Nordeste brasileiro. Dentre os objetivos estadunidenses estavam defender o continente de uma possível invasão alemã e evitar que o Brasil fornecesse quaisquer materiais estratégicos aos países do Eixo.

Por ser a parte mais oriental das Américas, o Nordeste brasileiro representava um local ideal para a partida de aeronaves que se dirigissem para a África e a União Soviética. Cidades como Natal e Fortaleza serviram como apoio à travessia de aviões do Atlântico Sul e, em uma eventual tentativa de invasão do continente, como ponto de defesa estratégico para um possível ataque ao Canal do Panamá. (ALVES, 2002) Desta maneira, o Brasil assumiu grande importância estratégica na defesa territorial e simbólica do continente americano.

Diante desse quadro, Getúlio Vargas negociou com o governo norte-americano a entrada do Brasil ao lado dos aliados, a partir da concessão de créditos e assistência técnica para implantação da indústria siderúrgica e bélica nacional. Assim, o Brasil acabou entrando efetivamente neste conflito por pressões do governo norte-americano, o qual não aceitaria ter uma região tão estratégica do lado oposto, e por pressões nacionais, onde a população brasileira se colocou contra Hitler e seus asseclas após a morte de 470 tripulantes e 502 passageiros no naufrágio por torpedeamento de 31 navios brasileiro. (GIRÃO, 2008, p. 25-28)

Desta maneira, no ano de 1942, Brasil e Estados Unidos assinaram os Acordos de Washington, nos quais o governo norte-americano se propôs a fornecer o capital suficiente já mencionado, enquanto o Brasil assumiu o papel de fornecer minerais importantes à indústria bélica, borracha e a permitir a instalação de bases<sup>1</sup> norte-americanas na região norte e nordeste do país. Assim, foi instalada estrategicamente em Fortaleza e em outras capitais

---

<sup>1</sup> Foram construídas bases militares norte-americanas nas cidades do Amapá, Belém, São Luís, Fortaleza (Pici e Cocorote), Natal (Rampa e Parnamirim), Recife, Noronha, Maceió, Salvador e Aratu. (GIRÃO, 2008.)

nordestinas, bases militares norte-americanas, as quais receberam soldados estadunidenses, antes dos mesmos partirem para a guerra em território africano. (AZEVEDO; NOBRE, 1998.)

Percebemos com o desenvolvimento das relações internacionais brasileiras e a assinatura dos Acordos de Washington a inserção do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza no meio deste processo.

Os especialistas norte-americanos decidiram construir a base militar de Fortaleza no antigo “Sítio Peci”, que passou a ser conhecido como Campo do Pici<sup>2</sup> (Pici Field). Sua construção foi iniciada em julho de 1941, porém não procedeu da maneira pretendida. Alguns contratempos logísticos e estratégicos fizeram com que a base tivesse seu uso descartado. (OLIVEIRA; LAVOR, 2008).

A pista do Pici ficaria definitivamente pronta em março de 1942 e quando isso aconteceu – pasmem – ela já era”. Aparentemente [...] teria havido uma precipitação na decisão inicial, pois a localização do Pici não era boa, a orientação da pista não se adequava aos ventos dominantes e, sobretudo, o quadro estratégico da guerra evoluía. O que se desejava agora era uma pista capaz de permitir a decolagem dos grandes aviões de bombardeio com destino à África, de forma a contornar eventuais saturações do campo de Parnamirim. (GIRÃO, 2008, p. 38.)

Assim, os engenheiros norte-americanos precisaram buscar uma solução viável. “Conceberam eles um campo de pouso, de vastas proporções à borda do oceano, a que denominaram de “Mucuripe Field”. O seu nascimento seria então na “mata da Aldeota”, onde hoje está, com exatidão, a Praça Portugal [...]” (Idem)

O Campo do Pici ficou então sob a responsabilidade da Marinha dos Estados Unidos e passou a ser construído o “Mucuripe Field”.

Assim é que [...] em fevereiro de 1943, começaram o levantamento topográfico do local onde seria construída a nova base Mucuripe Field [...] Esta pista se concluída provavelmente teria a sua cabeceira norte mais ou menos onde hoje é a Praça Portugal em Fortaleza, ou seja no meio da Aldeota. [...] em junho de 1943, quando já se construía o Rancho e quatro alojamentos da Base e se iniciara a terraplanagem da pista, o trabalho foi suspenso, pois chegara a ordem para fazer o campo em outro local alternativo. Segundo alguns documentos confidenciais norte-americanos da época, a razão da mudança teria sido a pressão dos proprietários de terra, preocupados com a desvalorização de uma área para onde a cidade tenderia a crescer. Em outros registros, entretanto, é citada ação incisiva do Tte.-Cel.-Av. Macêdo, comandante da Base Aérea brasileira, que pressionava no sentido de que a base americana fosse construída em local que pudesse ser acessível aos aviões brasileiros estacionados no Alto da Balança. [...] De qualquer forma, o fato é que a base americana foi construída no Cocorote e uma enorme pista de táxi - a Barata Ribeiro, - a interligou com o Alto da Balança. (Ibdem, p. 38-39.)

---

<sup>2</sup> A história do nome Pici remete a várias origens que não pretendemos discutir neste trabalho.

Ao novo local escolhido para a construção definitiva da base militar foi dada a denominação de Campo Adjacente (Adejacento Field), por estar próximo ao Campo do Pici, ponto inicial da construção. Com uma denominação esdrúxula como essa, os cearenses logo passaram a chamar o lugar de “Base do Cocorote”, referência ao nome cócô route (rota do cócô) como os soldados a chamavam.

Em 1941, além da base militar em Fortaleza, também foi instalada a Organização dos Estados Unidos (United States Organization ou USO). A USO foi criada a pedido do presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt com o interesse de fornecer serviços recreativos que ajudassem na elevação do moral das tropas americanas. Nesta perspectiva, a criação de uma imagem unificada, onde cidadãos fortalezenses e soldados norte-americanos se uniam através do convívio, reforçava o ideal de união entre os povos. A sede da USO ficou localizada em uma suntuosa residência à beira-mar da Praia de Iracema conhecida como “Vila Morena”. (AZEVEDO; NOBRE, 1998.)

Na foto abaixo buscamos localizar de maneira mais precisa as instalações norte-americanas criadas em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial. As bases militares instaladas e a sede da USO foram enumeradas no mapa a seguir:

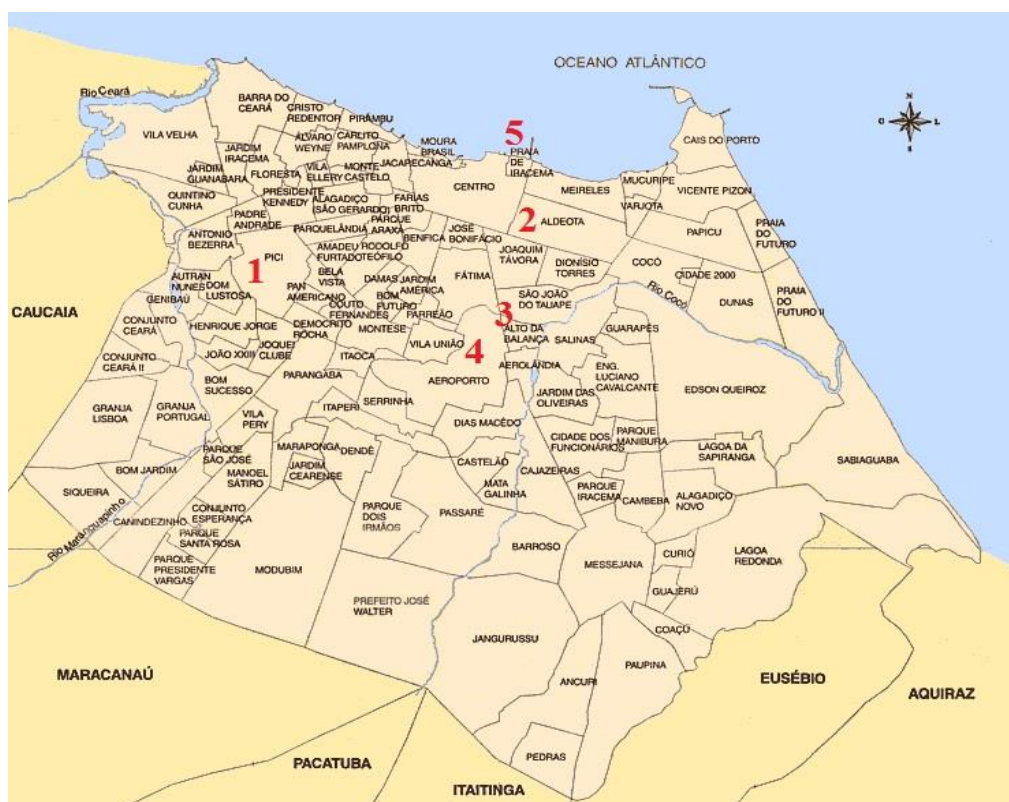


Figura 1- Mapa atual dos bairros de Fortaleza e as antigas localizações das bases militares norte-americanas instaladas na década de 1940, mais a sede da USO. Legenda: 1- Base do Pici ou Pici Field (Bairro do Pici); 2- Campo de pouso Mucuripe Field (Bairro da Aldeota); 3- Campo de pouso (Bairro Alto da Balança); 4- Base do Cocorote (Bairro do Cocorote).

Cocorote ou Adejamento Field (Bairro do Aeroporto); 5- Sede da USO e antiga Vila Morena (Bairro da Praia de Iracema). Fonte: <http://www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

A partir deste momento começaremos a pensar sobre a aproximação e o convívio com os estadunidenses, os quais podem ter influenciado diretamente novos hábitos e costumes nos cidadãos fortalezenses. Todavia, devemos levar em consideração como um dos pontos importantes dessa aproximação, a execução da política de boa vizinhança desenvolvida pelo presidente Roosevelt.

Juntamente com a Fundação Rockefeller o presidente norte-americano criou uma espécie de “fábrica de ideologias” na intenção de aproximar E.U.A. e o restante da América-Latina, sobretudo, através do viés cultural e econômico. Desta forma, foi veiculada através dos meios de informação como jornais e rádios, uma forte campanha com a “idéia de uma defesa incondicional do hemisfério ocidental, a integração cultural e econômica das Américas, a preservação de um mundo democrático e o compromisso de cooperação.” (SOUZA, T., 2008.)

É perceptível como a ideia de “cooperação” foi forte aliada da política de boa vizinhança. Esse sentimento de união se expressou no cotidiano fortalezense através do convívio entre os soldados estadunidenses e a população. A partir das comemorações do dia da independência dos Estados Unidos, realizada em Fortaleza, podemos perceber formas mais “planejadas” de dar mostras dessa aproximação.

Em nossa capital, realizam-se, hoje, expressivas comemorações ao dia da independência norte-americana. O cônsul ianque, entre nós, o Sr. William Preston Rambo, dará recepção em sua residência. [...] Às 21 horas o Touring Clube, secção do Ceará, de que é diretor o Sr. Olavo Falcão, oferecerá uma recepção de honra, no “Ideal”, abrilhantada pela orquestra da P.R.E.9, sob a regência do maestro Ercole Vareto. A emissora local organizou, igualmente, um programa de homenagem à data, que terá início às 19:30. Às 10 horas, houve, na Escola Preparatória, a tocante cerimônia da entrega do estandarte do estabelecimento, confeccionado pela mulher cearense. E ao meio-dia os estudantes de direito promoveram um almoço de confraternização, verificando-se, também, a essa hora, a homenagem dos Chauffeurs e Bambeiros de Fortaleza, na Praça do Ferreira. (As comemorações do Independence Day, em Fortaleza. O Nordeste, Fortaleza, 4 de jul. 1942, p. 1.)

Recepções em clubes aristocráticos da cidade, programação especial no rádio e homenagens em escolas, nos mostram o panorama das manifestações que ocorreram em Fortaleza. Através da participação de alguns setores da sociedade, incluindo até um desfile conjunto entre soldados dos dois países, é possível vislumbrarmos como esta aproximação estava aos poucos sendo cristalizada.

Porém, essa iniciativa não cessou nesta única peculiaridade. O “América way of life”, ou seja, o “modo de viver americano”, também passou a vigorar em solo fortalezense, juntamente com a política de boa vizinhança. Dessa forma, inserindo no cotidiano “alencarino” costumes originários da terra do “Tio Sam”. Mecanismos como o rádio e o cinema, mais uma vez, foram aliados da propagação da maneira norte-americana de se vestir, de comer, de falar e tantas outras características. Com a chegada do “modo americano de viver”, a programação radiofônica e os filmes exibidos, passaram a possuir importância direta na difusão destas novas práticas. Pensando nisso, podemos perceber o tamanho e o alcance desta influência cinematográfica em Fortaleza:

O cinema é a maior diversão. A frase, um tanto desatualizada, adequava-se, contudo, à época em que o mundo conflagrado estava exposto nas telas. [...] Naqueles dias bem distantes, a cidade buscava no cinema o seu principal lazer. O Diogo, o Moderno e o Majestic – as três salas mais distintas e em cada bairro um cineminha mais modesto (o Luz, o Rex, o Ventura, o Benfica, tantos mais) estavam sempre lotados. [...] Quase todos os filmes tinham uma só procedência: Estados Unidos da América do Norte, pois impossível à importação de filmes europeus. A minha geração – meninos e adolescentes da década de 40 – sofreu decisiva influência do cinema, ou mais propriamente do cinema norte-americano. Diante de nossos olhos, em espetáculos deslumbrantes e majestosos, a apologia do heroísmo do homem americano, sua bravura pessoal, seu amor à liberdade, dentro de uma visão propagandística da invencibilidade da máquina bélica dos Estados Unidos. Claro que esta mensagem impregnava os espíritos em formação, através da disseminação daqueles valores que entravam, quase que em caráter definitivo, na estrutura mental da juventude de então. Ademais, os filmes nos ofereciam, ao mesmo tempo, os paradigmas glamorosos de uma sociedade rica, bonita, exaltada através da indiscutível e selecionada beleza dos astros e estrelas que o marketing de Hollywood elevava ao nível de divindades. (GIRÃO, 2008, p.84)

O heroísmo e o patriotismo retratados nas telonas entusiasmavam a população, principalmente os jovens, bem como as peculiaridades “glamorosas” de uma “sociedade rica e bonita”, a qual foi intensamente exaltada através dos astros e estrelas dos filmes hollywoodianos. A disseminação dos valores estadunidenses vigorava nesse tipo de produção, assim “impregnando” os valores daqueles jovens. Os cidadãos fortalezenses divinizavam os atores e atrizes que atuaram nestas produções norte-americanas.

Na estrada dessa avalanche cultural, propagaram-se costumes e hábitos que ganhavam força persuasiva pelos que os praticavam, celebridades endeusadas no altar da fama universal. Por exemplo, o vício de fumar. Na tela, o galã charmoso ou a estrela cintilante abusavam do cigarro, como se aquilo fosse um complemento da maneira melhor de viver. [...] Mas, na mensagem subliminar, de forte conteúdo estético, o cigarro acabou penetrando mais e mais no cotidiano da meninada, que se espelhava, obviamente, nos seus ídolos cinematográficos. (Ibidem, p. 85)

Percebemos que as atitudes tomadas pelos personagens cinematográficos acabaram influenciando determinados costumes dos fortalezenses. Neste caso, o cigarro,

através de um forte apelo estético, foi disseminado entre os jovens que assistiam aos filmes.<sup>3</sup> Assim, quase que “logicamente” os cidadãos associavam as atitudes tomadas nos filmes com um jeito “mais correto” de viver o cotidiano, pois, como falamos anteriormente, se construiu na mentalidade da população fortalezense a ideia de que os costumes estadunidenses e a civilização estariam intrinsecamente ligados.

Através de Norbert Elias (2011) e seu “processo civilizador”, identificamos “o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo” (Ibdem, p. 95.). Segundo Elias, este processo está diretamente ligado ao desejo pelo novo e pela distinção social. Assim, compreendemos civilização sendo o processo pelo que se tentou adaptar os cidadãos a determinados costumes que, naquele momento, possuíam como base os Estados Unidos. A Fortaleza do começo da década de 1940 era uma cidade que almejava a “civilização” e com a deflagração do conflito mundial, este “processo civilizador” passou diretamente pela incorporação de hábitos e costumes estadunidenses, assim, como na década de 1920, passou pela incorporação dos hábitos franceses. Todavia:

A influência não se restringia apenas ao hábito de fumar. Mas vinham dos idolatrados atores e atrizes as modas do vestir masculino e feminino, os cortes de cabelo, a maneira de aparar o bigode (famosos os de Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power), sem falar na masculinidade valente de um John Wayne, dum Henry Fonda, de um Victor Mature ou de um Randolph Scott, mestres da matança de índios e irresistíveis conquistadores dos corações das mulheres, que tinham no beijo final o desfecho de suas bravatas. (GIRÃO, 2008, p. 85.)

#### O American way of life se impôs:

Deixamos para trás o modelo europeu, predominantemente francês, para seguir os hábitos americanos. Tornamo-nos, em poucos anos, bebedores de Coca-Cola, comedores de sanduíche “macdonald”, adeptos do slack e da bermuda, até os dias presentes, quando, em ruidoso processo de globalização, somos praticamente uma caricatura do “grande irmão” do norte. (Ibdem, p.130.)

Aprender o idioma usado pelas estrelas de cinema e pelos soldados ianques trouxe “status social”. Moças e rapazes de famílias abastadas aprenderam o novo idioma pela distinção social que o mesmo proporcionou. Por toda parte abriam-se cursos de aprendizado do idioma inglês. (GIRÃO, 2008, p. 85) Surgiram também “diversas agremiações como o “Circle os English Conversation” e o “Hyphen Club”, filiados ao Instituto Brasil-EUA no

---

<sup>3</sup> Logicamente, devemos levar em consideração que o apelo da indústria tabagística era feito não só através dos filmes. Muitos jornais faziam uma divulgação positiva do hábito de fumar, inclusive salientando benefícios a saúde. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Ceará. Palavras como “footing”, “street”, “OK”, “bungalows”, “hall”, “lobby”, “bis”, “club”, “design”, etc.” (SOUZA, T., 2008, p. 30.) passaram a figurar no linguajar fortalezense.

O rádio também exerceu função estratégica de “propagador ideológico” do “America way of life”. Ritmos e músicas norte-americanas passaram a figurar no “topo das paradas” de sucesso, dessa forma, passando a embalar os momentos de lazer de muitos cidadãos fortalezense que possuíam o objeto<sup>4</sup>.

Assim, rádio e cinema serviram como mecanismos estratégicos de divulgação dos costumes norte-americanos, os quais podemos relacionar com o “processo civilizador” pretendido naquele momento em Fortaleza.

Desta forma, a partir do conceito de “estratégia” (CERTEAU, 1994), percebemos como os mecanismos pensados e executados pelo Estado ou pelas elites deram continuidade a um “processo civilizador” que se almejava, onde mecanismos propagandísticos, como rádio e cinema, possuíam a função de “aproximar” e facilitar o contato da população com roupas, comidas, e objetos técnicos oriundos dos Estados Unidos.

Através destes mecanismos a população fortalezense entrou em contato com os costumes norte-americanos. Assim, inspirando a maneira de se vestir, de falar, de comer; a inspiração para as construções públicas, como praças e ruas, e para as construções privadas, como as grandes mansões pertencentes às famílias abastadas da época. Percebemos que através dos adornos nas vestimentas, da configuração física do lar, a elite fortalezense se apoderou destas práticas culturais, desta maneira, se diferenciando socialmente dos demais cidadãos de Fortaleza.

Os homens usavam ternos de linho [...]. As mulheres usavam muita seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro [...]. Os sapatos eram, quase sempre, combinados de pelica e camurça, abertos, de preferência [...]. As luvas eram indispensáveis, [...] do mesmo jeito que o chapéu. Os decotes eram discretos, as saias desciam até esconderem as batatas das pernas envoltas em meia de seda [...]. Nos idos de 45, a Avenida do Imperador é uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. [...] Suas casas são diferentes, portentosas, nobres, [...]. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo “ART Nouveau” com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas tem rótulos e postigos com vidraças coloridas importadas da França [...] (LOPES, 1996, p. 29-33.)

---

<sup>4</sup> Vale ser lembrado que nem todos os cidadãos fortalezenses possuíam rádio em casa ou, poderiam ir ao cinema. Essas duas formas de propagação ideológica norte-americana também eram elementos de distinção social. Pois somente a parte mais aristocrática da sociedade, possuía acesso a esses instrumentos. Assim, nos fica mais claro qual parcela da população teve um contato mais intensivo com o “eufórico” “America way of life”. (SOUZA, T., 2008)



“No Brasil, outros eram os costumes. Homens sem ternos e chapéus, substituídos por trajes leves, calça e camisa de mangas curtas, as mulheres passando a fumar em público, encurtando as saias, e introduzindo o uso de calças masculinas. Estávamos submetidos ao figurino que os americanos, pelo cinema, e diretamente, nos haviam transmitido.” (GIRÃO, 2008, p.137.). Assim:

[...] as camisas de nylon, as canetas Parker, os cigarros Camel ou Chesterfield, o slack, o sanduíche, de um modo geral, eram coisas comuns ao cotidiano nordestino (Fortaleza, Natal, Recife em primeiro plano) por conta da forte presença norte-americana. A influência maior foi no idioma. As velhas palavras francesas, tão ao gosto das nossas elites na primeira metade do século anterior, foram rapidamente substituída por vocábulos ingleses, popularizados pelos soldados e incorporados ao linguajar do povo nas ruas de Natal e Fortaleza. Já não se dizia comumente o “sim”, mas “yes” ou “ok”, espetáculo virou show, amigo tornou-se “friend”, rapas era “boy”, moça era “girl” e um sem-número de outras expressões que, nos dias atuais, já se aportuguesaram na pronúncia e na forma de escrever. (LOPES, Op. Cit., p.169-170.)

Cada vez mais este processo foi tomando ares de grandiosidade. Assim, chegando a adentrar a consumação dos produtos técnicos científicos, de utensílios domésticos e até de maquiagem. Todavia, esses produtos obtiveram sucesso em adentrar aos lares, pois encontraram um desejo interior, por parte da população, de possuir determinados objetos e assim, tanto se diferenciar socialmente como facilitar alguns “afazeres” cotidianos. Segundo Silva Filho o alvo contínuo das reflexões:

[...] é a modernidade urbana, especificamente as modalidades históricas pelas quais ela se apresenta em Fortaleza, em fins da década de 1930 e se estendendo até meados dos anos 40. Período em que, segundo interpreto, ocorre uma transposição – vital, porém repleta de tensões e contramarchas – de um paradigma civilizatório inspirado na cultura francesa, mais ligado ao universo das belas letras e da erudição de círculos da elite, em direção a uma vertente calcada no progresso material e no poderio técnico, representado pela sociedade norte-americana. Aos poucos, vão se desenhando os contornos locais de uma ambição ao moderno profundamente assinalada pelo avanço tecnológico, a aceleração da dinâmica urbana e a incitação ao consumo de objetos importados. [...] O deslumbramento com a tecnologia, não raramente alçada à condição de mitologia moderna, faz parte desse contato peculiar do mundo ibero-americano com a cultura material do capitalismo ocidental. Durante os anos 40, em Fortaleza não faltaram experiências com o fetiche dos objetos. Ao olhar as vitrines, sorver as mercadorias pelas telas do cinema, adquirir um artefato pouco importando qual sua utilidade prática, os habitantes exprimiam fascínio por uma modernidade precária, eivada de sonho e fabulação. Sua própria fragilidade compelia à tomada de efígies cristalizadas do mundo moderno, ganhando destaque algumas obras públicas e certos objetos importados. (SILVA FILHO, 2002, p. 9-10.)

Ao vislumbrarmos esse “deslumbramento com a tecnologia” apresentado por Silva Filho, nos deparamos com Marciano Lopes. Este nos mostra como esses produtos já haviam sido desejados por parte da população fortalezense dentro da dinâmica urbana de

“fetichização” destes objetos e da necessidade de diminuir o tempo gasto com determinados afazeres domésticos.

“Tomara que já inventem uma batedeira elétrica, algo que diminua o cansaço da gente! Pra fazer tantos bolos, a gente usa demais os músculos dos braços com o exercício de bater ovos, mexer os ingredientes. Quando se coloca a farinha de trigo, fica tão pesado”...Assim pensa Zelfa, enquanto mexe e mexe e mexe [...] E ela se lastima: “quando é que vão inventar uma geringonça qualquer que raspe os cocos, dispensando da gente um exercício tão cansativo?...” [...] Será que nunca vão inventar um fogão bem moderno, no qual basta girar um botão para ele se acender, sem precisar de lenha, sem produzir cinza, nem sujar as paredes? [...] Num canto, Irene rala as espigas de milho verde para as cangicas e as pamonhas e reclama: “será que a gente vai ter de ficar a vida toda ralando milho pra fazer cangica? Por que não inventam uma máquina que triture os grãos e facilite a vida das pessoas”. Lindete, debulha feijão-verde para o baião-de-dois e nem reclama, pois sabe que tão cedo não será inventada nenhuma máquina para fazer o seu serviço. (LOPES, 1996, p. 73-74)

Muitos buscavam a diferenciação social, pois possuir determinado produto era sinônimo de poder econômico. Assim, muitos objetos passaram a ser desejados não só pela sua utilidade diária, mas principalmente pelo caráter simbólico e pelo status social que proporcionavam. (SOUZA, T., 2008) Entretanto, devemos levar em consideração que determinados produtos também possuíram utilidade na rotina das pessoas.

Com o desenvolvimento da política de boa vizinhança e do “America way of life” compreendemos que se instalou, também, no cotidiano fortalezense, uma face de propagação ideológica que de forma estratégica marcou presença através do consumo de determinados objetos. Assim, aquela sociedade fortalezense que pretendia “alcançar” o status de cidade civilizada, mirou nos hábitos e costumes norte-americanos a direção que o determinante “processo civilizador” deveria seguir.<sup>5</sup>

Um dos fatores que mais contribuiu com a propagação do “American way of life” foi o convívio com os soldados norte-americanos que vieram para a base de Fortaleza. Estes soldados trouxeram na sua estrutura psicológica uma carga sociocultural diferente da dos cidadãos fortalezenses, os valores morais e os costumes eram outros e estes não alteraram seus comportamentos por estarem longe de casa, assim deixando “transbordar” boa parte de

---

<sup>5</sup>Sabemos que todo este processo não ocorreu de maneira linear e ordeira. Diversas marchas e contramarchas, neste processo de assimilação cultural, ocorreram durante o período, setores tidos como tradicionais puseram a luta contra esses costumes mais “avançados” como ponto fundamental em questão. Jornais como “O Nordeste” e partes da aristocracia fortalezenses, ligados a Igreja, condenavam determinadas práticas, não que estes, fossem contrários ao progresso, mas acreditavam que a sociedade não deveria assumir novas posturas morais e abandonar as antigas. Dessa maneira, deveria se vislumbra esse “novo mundo” com cautela e “sabedoria”. Porém, apesar de toda relevância que essa discussão poderia acrescentar a pesquisa, neste trabalho não pretendemos entrar de maneira mais aprofundada no debate Tradição versus Modernidade, o qual já é explorando brilhantemente em inúmeras outras produções historiográficas.

suas práticas cotidianas. Dessa maneira, compreendemos que o convívio entre soldados e cidadãos foi responsável, também, pela difusão dos costumes norte-americanos em Fortaleza.

Passou a ser “chic” falar inglês, fumar cigarros de marcas estrangeiras, usar as roupas estampadas dos soldados, comer o sanduíche e beber a tão aclamada coca-cola. Chegamos ao ponto do vestuário feminino ser marcadamente influenciado pelo masculino, onde as mulheres, ditas mais “avançadas”, incorporaram em seus guarda-roupas peças masculinas de blusas. Mas não só os que consumiam os produtos possuíam, de alguma forma, um maior contato com estes soldados e seus hábitos. A própria sede da USO e a Praia de Iracema também foram palco de muitos encontros, sejam eles amorosos/sexuais, entre os soldados e as moças fortalezenses ou, esportivos, através de disputas realizadas.

Já na sede da USO, outros eram os tipos de encontros que ocorriam. Soldados norte-americanos utilizavam este local como ponto de descanso e descontração após cumprir suas obrigações militares dentro das bases. Além de aproveitarem a natureza praiana, os militares dos Estados Unidos mantinham relações cordiais com as moças da cidade. Estas, muitas vezes, eram de famílias tradicionais, normalmente muito bonitas, elegantes, educadas e que não se preocupavam com as críticas da sociedade local. Logo estas jovens foram apelidadas pejorativamente de “Coca-Colas”. Comenta-se que a denominação depreciativa surgiu por elas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que, na ocasião, somente era visto nas telas do cinema. (SEMEAO E SILVA, 2000).

Esta influência não cessou no vestir-se ou no comer, ela perpassou o âmbito privado e invadiu o público, fazendo da mesma maneira o caminho inverso, assim extrapolando e alterando, inclusive, o que poderia ter de mais íntimo naquela Fortaleza “provinciana”, a intimidade das relações sexuais. Nas:

[...] “pensões alegres”, viviam as chamadas “mulheres-da-vida-fácil”. Fácil para os outros, pois, a bem da verdade, a vida daquelas coitadas era um osso duro de roer, a começar pela expulsão de casa, no interior, pelo pai moralista e machão que não podia, por hipótese nenhuma, perdoar o “erro” da filha, muito menos permitir que ela continuasse morando junto com as outras irmãs moças, depois de “infelicitada”. Matutas, a única saída era vir para a Capital, meta de todos os desesperados e esperançados, muito embora não contassem, aqui, com parentes nem aderentes que as recebesse e abrigassem.[...] As mais graciosas, as mais fartas de ancas, as mais peitudas, no entanto, acabavam, invariavelmente, nos cabarés da cidade, quase sempre, escravizadas às cruéis e desumanas “madames”, que vingam-se do próprio passado, impingindo às suas pupilas, o mesmo tratamento recebido no início da carreira. Um círculo vicioso. Por isso, mandavam brasa nas pobres noviças que ingênuas e encantadas pelas luzes da nova e cintilante vida, sujeitavam-se a tudo. (LOPES, 1996, p. 155)

Porém, até mesmo para estas moças, que se encontravam dentro do “micromundo” das pensões, práticas sexuais novas e diferentes surgiram em meio ao contato mais íntimo com a soldadesca norte-americana:

A presença ianque trouxe, por consequência, uma profunda transformação nos costumes sexuais. Por uma série de fatores (aparência física, o poder de sua moeda, o dólar, a formação moral diferente) os rapazes americanos não guardavam o devido respeito aos costumes tradicionais aqui prevalentes. Foram em frente, sem freios. A princípio nos cabarés. As putinhas tomaram conhecimento de certas práticas que, mesmo em sua libertinagem, ainda ignoravam. As cafetinas mais destacadas, donas dos prostíbulos de maior destaque na cidade, a Margô, a Gaguinha, a Nininha e outras, advertiam as novas inquilinas de que era norma da casa atender a clientela nos “três bês”. Entenda-se. Ato sexual por todos os meios, o oral, o anal e o natural. Os americanos exigiam, as madames atendiam. Afinal, eles pagavam em dólar. (GIRÃO, 2008, p. 80-81)

Neste ponto, percebemos a influência econômica exercida pela força do dólar. Estes soldados trouxeram a força econômica que os Estados Unidos passou a ter naquele momento. Trouxeram nos seus aviões B24, nos “jeeps”, na sua moeda, no cinema, na sua Coca-cola, construções simbólicas que passaram a exercer forte influência no cotidiano fortalezense e a moldar as relações sociais do período. Assim, percebemos como a origem destas garotas “coca-colas” foi uma das inúmeras consequências da Segunda Guerra e do contato com os soldados norte-americanos, sendo assim um produto do clima beligerante trazido pela guerra.

Dessa maneira, percebemos como este contato entre soldados norte-americanos e cidadãos fortalezenses foi de extrema importância para a propagação da política de boa vizinhança e do “America way of life”, assim facilitando o contato com determinados objetos e práticas que só eram visualizadas nos cinemas ou ouvidas nos rádios. Assim, vislumbramos uma face desse “cotidiano de guerra”, onde o consumo e incorporação de novos hábitos e costumes também propiciou uma maior assimilação cultural por parte dos fortalezenses em 1940.

Buscamos apresentar um panorama a cerca do desenvolvimento das relações econômicas, políticas e culturais envolvendo Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Passamos pela entrada do Brasil neste conflito, pela assinatura dos Acordos de Washington, pela instalação da base militar em Fortaleza, pela importância do rádio e do cinema, pelo consumo de objetos materiais e pelo convívio com os soldados que vieram para Fortaleza. Dessa forma, chegando às influências exercidas sobre a sociedade fortalezense e as mudanças ocorridas nos hábitos e costumes.

Desta maneira, percorremos um longo caminho a cerca das influências exercidas sobre os hábitos e costumes fortalezenses. Assim, percebemos que as práticas cotidianas fortalezenses como o vestir-se, o comer e o falar obtiveram fortes tendências a partir deste polo de hegemonia. Percebemos que a abertura para estes acontecimentos tiveram forte respaldo através do desejo por civilização e distinção social, assim permeando o cotidiano das famílias mais abastadas, as quais buscaram se distinguir socialmente através da incorporação dos hábitos e dos costumes norte-americanos.

### LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<p><b>FIGURA 1</b> - Mapa atual dos bairros de Fortaleza e as localizações das bases militares norte-americanas instaladas na década de 1940, mais a sede da USO. Legenda: 1- Base do Pici ou Pici Field (Bairro do Pici); 2- Campo de pouso Mucuripe Field (Bairro da Aldeota); 3- Campo de pouso (Bairro Alto da Balança); 4- Base do Cocorote ou Adejamento Field (Bairro do Aeroporto); 5- Sede da USO e antiga Vila Morena (Bairro da Praia de Iracema).</p>	4
---	---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.
- BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza**: uma breve história. Fortaleza: INESP, 2011. 220p.
- BURKE, Peter. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. 1v.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. 2ª edição, São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVEIRA, Augusto. LAVOR, Ivonildo Lavor. **A história da Aviação no Ceará**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Edições Ltda, 2008.

ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. IN: SACHS, Ignacy. WILHEIM, Jorge. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Brasil um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoque** – reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Editora Ltda., 1993.

SEMEAO E SILVA, Jane Derarovele. **Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940**: uma vivência da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Departamento de Pós-Graduação em História – UFRJ, 2000.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Na senda do moderno**: Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40. Fortaleza. Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 1999.

SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 2008.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.